



# DOSSIÊ

## Transdisciplinaridade nas Letras

organizado por

Renata Philippov

Vera Lucia Harabagi Hanna

# APRESENTAÇÃO

## TRANSDISCIPLINARIDADE NAS LETRAS: SABERES CRUZADOS EM LÍNGUA, LITERATURA, CULTURA

---

■ **M**uito tem sido publicado e discutido em termos de pesquisas interdisciplinares, tanto em relação à escola básica quanto ao ensino superior. De fato, as diretrizes curriculares do Ministério da Educação (MEC) preconizam o trabalho interdisciplinar em currículos de Letras e Formação Docente. No entanto, na prática ainda há muito a ser feito, pois, em geral, o que se vê são currículos estanques e fragmentados que nem sempre respondem a tais diretrizes. Assim, trabalhos com língua, literatura e cultura acabam dissociados. Ao se entender transdisciplinaridade como algo que vai além das disciplinas, que implica a combinação de áreas e a transferência de conceitos teóricos e de metodologias que colaboram na resolução de problemas, este Dossiê apresenta-se com o objetivo de acolher estudos que contemplem o trabalho transdisciplinar em cursos de Letras e Formação Docente, mas a eles não restritos, e que possam, de algum modo, propor formas de promover um ensino plural.

A coletânea “Transdisciplinaridade nas Letras: saberes cruzados em língua, literatura e cultura” apresenta, em 12 artigos, um processo dialógico profícuo entre várias disciplinas da área das Letras no contexto atual de acelerado crescimento comunicacional proporcionado pela simultaneidade dos encontros transnacionais e de globalização do conhecimento.

Nessa perspectiva, sempre que se reflita sobre o ensino de línguas e das literaturas contíguo a questões comunicacionais próprias dos processos da globalização, é imperativo que se pense as culturas, o estudo da filosofia, o conhecimento da história, das artes, da música, da dança, do cinema, os debates sobre os problemas do planeta, dentre outras questões que possam auxiliar a desvendar enigmas do mundo de cada um de forma mais ampla e profunda. Relacionar a percepção de que a interconectividade entre pessoas de culturas dessemelhantes, condicionada ao convívio plural, obriga seus participantes a praticarem novas e intensas intertextualidades culturais em ambientes de transnacionalização do cotidiano e que, subordinada às extraordinárias mudanças no compor-

tamento linguístico global, sugere internacionalização dos saberes, intensificação de intercâmbios nos campos mais variados do conhecimento, significa, igualmente, acolher nesse julgamento uma abordagem interculturalista, um conhecimento multidisciplinar, uma prática transdisciplinar.

Fundamentando-se não somente na integração, na interação e na combinação, como também na transgressão, na exceção, na transformação, a transdisciplinaridade é entendida como uma das formas de interdisciplinaridade, mas que vai além dela. É possível distinguir na publicação que aqui se concretiza que os textos não criticam as disciplinas, pelo contrário, procuram similaridades entre elas, o que torna a aplicação dos conceitos, das teorias, ou dos métodos – conforme enfatizam os estudos da transdisciplinaridade – plausível. Comum nas acepções do termo está a definição de que se apresenta integralmente aberta, envolve novos paradigmas, bem como a experiência vivida – a transdisciplinaridade navega através da disciplina do texto para o contexto e, assim, dos textos para a cultura e para a sociedade.

Desse modo, o Dossiê, que une pesquisadores de instituições de ensino públicas e privadas brasileiras e de uma norte-americana, dirige-se a estudiosos, aprendizes e educadores da área de Letras e a todos que se interessem pela integração das Humanidades, tanto para a formação inicial universitária quanto para a continuada, que buscam não apenas garantir um facilitador no exercício de suas disciplinas, mas procuram também entender o processo dos encontros entre sociedades diferentes, minimizar o choque cultural, conquistar uma socialização duradoura. Almeja-se demonstrar que ao trabalharem potencialmente com várias disciplinas direta e/ou indiretamente, docentes e discentes possam experimentar as inúmeras possibilidades oferecidas pela característica iminente cooperativa da transdisciplinaridade, que incidirá dentro e fora da escola.

Lembre-se, antes da leitura dos artigos, agrupados em três blocos – considerações sobre a educação linguística e o currículo, seguido de bloco sobre ensino, e então de casos específicos de análises inter e transdisciplinares –, que ao se tentar ir além de um dos objetivos principais da educação nos cursos de graduação, o de transmitir conhecimentos específicos de cada área, a perspectiva transdisciplinar justapõe as responsabilidades individual e coletiva, o senso crítico de aprender e expandir conhecimentos, de expressar ideias de modo persuasivo com ênfase na significação, nos valores e na ética – pilares da educação humanística – como metas a serem cumpridas e tenta fazer com que esses valores sejam transferidos efetivamente de modo teórico e prático, na pesquisa, na extensão, em sala de aula, e para além dela.

No texto de abertura, “Globalização cultural e educação linguística: língua-cultura, interculturalidade, transdisciplinaridade”, Vera Lucia Harabagi Hanna discorre sobre a relevância de trazer para o ambiente acadêmico o debate de conceituação relativa à Abordagem Intercultural de Línguas Estrangeiras e sua relação direta com assuntos concernentes à comunicabilidade na contemporaneidade, como globalização, as competências global, cultural, translingual, transcultural, além do eixo central, transdisciplinaridade, apoiada em importantes pesquisadores, dentre eles Julie Klein, de quem destacamos a definição: “A transdisciplinaridade é simultaneamente, uma atitude e uma forma de ação” (KLEIN, 2004, p. 524). A citação bem se ajusta à ideia de desconstrução, contradições, paradoxos e conflitos, portanto prevê uma certa audácia, percebida nos estudos transdisciplinares reportados neste Dossiê, e que igualmente justifica a escolha do estudo como introdutório da coletânea.

O texto demonstra o entendimento da inseparabilidade da transnacionalização do cotidiano do círculo de aprendizado comunicativo interativo de línguas estrangeiras; para tanto, os conceitos de cultura, *languaculture*, interculturalidade e seus derivados são amplamente discutidos. A proposta deixa implícita a premência de projetos acadêmico-pedagógicos que levem em conta as transformações radicais na cultura contemporânea, que contemplem a diversidade multicultural, os encontros interculturais, a globalização do conhecimento, para que a teoria se realize na prática.

Em “Aspectos ontológicos e metodológicos do conceito de totalidade e do processo de internacionalização do currículo: por um ensino plural”, Juliano Bona e José Marcelo Freitas de Luna discutem a transformação dos currículos tradicionais em interculturais no que se refere à transformação da organização das disciplinas, para que possa ser efetivado no campo de ação dos professores, juntamente às barreiras encontradas em sua efetivação. A pesquisa, de cunho bibliográfico, relaciona o conceito de totalidade ao processo de internacionalização do currículo em um nível ontológico e metodológico; define o conceito de totalidade na filosofia, ao mesmo tempo que descreve o processo de internacionalização do currículo. O objetivo consiste em contribuir para o processo de não homogeneização cultural no espaço escolar com foco na diversidade na formação do aluno como mecanismo de transformação do real construída por eles. Enfatizam os autores, no entanto, a relevância dos movimentos interculturais em relação ao processo de internacionalização do currículo, considerando que o alargamento da percepção das diversidades culturais contribui para o alargamento do pensamento em nível ontológico, e pode culminar com um esforço de ampliar o espaço das práticas em educação.

O terceiro artigo, “A internacionalização do currículo e a Pedagogia da Autonomia de Freire: descendo a Torre de Babel”, de Margarete Belli, Christiane Heemann, Lucia Loreto Lacerda, Márcia Grazziotin e José Marcelo Freitas de Luna, resultado de pesquisa desenvolvida no Grupo de Pesquisa Estudos Linguísticos e Internacionalização do Currículo da Universidade do Vale do Itajaí (Univali), apresenta possíveis intersecções entre a Internacionalização do Currículo e a Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire. O estudo demonstra formas de materializar o desejo de convivência pacífica e fornecer alguns caminhos em sua direção por meio do currículo, e de duas dimensões primordiais na formação dos/das alunos/as: o sujeito ético e o sujeito autônomo. Nessa perspectiva, destacam os autores a necessidade da existência de “uma familiaridade entre os saberes curriculares e as experiências sociais dos/as alunos/as, uma vez que ensinar não é transferir e transmitir conhecimento, mas, sim, criar possibilidades para construção de conhecimentos” –, o objetivo do currículo deve estar voltado, segundo eles, para a formação de um “sujeito cidadão ético”, para o desenvolvimento de cidadãos globais, de acordo com Clifford (2016). Ao citarem aquele estudioso, vêm ao encontro do que foi defendido no primeiro artigo do dossiê, no que diz respeito à ideia de a globalização sugerir interculturalidade, e que, praticada em contextos linguístico-culturais díspares, e conseqüente intensificação de intercâmbios, reivindica conhecimento nos campos mais variados do saber, de forma multidisciplinar e global. Portanto, a conclusão dos pesquisadores é que o ser humano, para ser um cidadão global, necessita ter conhecimento de si mesmo com uma competência intercultural e um sentimento de responsabilidade social. Ao tratarem do processo de internacionalização das

instituições de ensino superior (IES), enfatizam que o elemento propulsor é o currículo em que possam se localizar as perspectivas globais, a comunicação intercultural e a cidadania socialmente responsável.

Lisa Lattuca (2001, p. 118) afirma que

*A interdisciplinaridade não pode ser considerada meramente um processo ou produto, mas sim um elemento definidor de um projeto. Podemos determinar a natureza disciplinar ou interdisciplinar de um projeto apenas observando a questão que o motivou*

ou seja, o ensino, a concretização do currículo. Assim, pode-se considerar que Carin Cristina Dahmer e Marilda Oliveira de Oliveira, autoras de “Encontros com a arte e a escrita, experimentações entre currículos”, inauguram o segundo bloco desta compilação. Partindo do conceito de rizoma, tal como concebido por Deleuze e Guattari (2011), e da concepção de um currículo rizomático, tal como pensado por Gallo (2007), “cuja procura não é pela constituição de uma totalidade, pelo contrário: tal currículo percebe na multiplicidade um diálogo possível”, ou seja, “parte da percepção de que há múltiplas realidades e contextos, e de que é na diferença que o diálogo é possível, tanto no currículo, quanto na educação”, as autoras propõem a possibilidade de um trabalho com escrita transdisciplinar entre arte, língua e literatura dentro de um currículo rizomático multiplicador, aberto a diferentes caminhos e diálogos. Assim, Dahmer e Oliveira pensam um trabalho inventivo e investigativo de possibilidades múltiplas envolvendo escrita, ou melhor, escritura e arte, arte e escritura,

*A produção de uma escritura-artista vincula-se a uma cartografia das experimentações docentes, e da existência e coexistência de recolhas nos espaços da escola, assim como nos corredores da universidade, como nas conversas apressadas ou nas leituras recorrentes.*

Trata-se de um trabalho calcado na experimentação, envolvendo docentes e discentes, em *artistagens*, álbuns de artistas contendo imagens e textos e contando com apoio “na rasura das palavras, na sua sobreposição, na incorporação de outras, no salto entre conteúdos, no ato de ler e de rever as recolhas, de autores, de escutas, de experiências, e acolher outras”.

Em “Transversalizando o ensino de línguas”, Simone Batista da Silva, Marlene de Almeida Augusto de Souza e Vanderlei J. Zacchi partem do conceito de translinguagem, tal como entendido por Canagarajah (2013a, 2013b), Garcia (2009), Li Wei e Zhu Hua (2013) e Otheguy, García e Reid (2015), para quem “o termo língua, entendido como códigos, normas ou sistemas gramaticais situados, específicos, separados, fixos, não é suficiente para indicar o que efetivamente acontece durante a comunicação”. Termo surgido inicialmente no âmbito de estudos galeses, em que os falantes ouviam em inglês e respondiam em galês, por exemplo, os teóricos nos quais os autores desse artigo se baseiam entendem o conceito quer como processo em que falantes bilíngues ou em vias de aprendizagem de uma segunda língua vão fazendo escolhas, construindo um caminho translíngüístico ao usarem os recursos de tais línguas, quer como algo que independe de bilinguismo, ou seja, como algo que todos os falantes de uma mesma língua também criam ao transitarem entre sistemas semióticos e comunicativos diferentes. Na sequência, os pesquisadores discutem o que vem a ser transdisciplinaridade, forma de se transpor as barreiras da fragmentação e especialização

disciplinares, rumo ao que D'Ambrosio (2012) denomina “ética da diversidade”, ou seja, o que os autores apontam como necessário para a “produção dos saberes”, algo que possa suplantar, segundo eles, “dualidades, dicotomias e polarizações, incluindo a contradição, o inesperado, o desconhecido”. Assim, esse seria o caminho para a formação de professores e o ensino, algo plural, baseado na complexidade translinguística e, conseqüentemente, transcultural também.

O sexto artigo deste Dossiê, “Intermedialidade e transdisciplinaridade na formação de um leitor proficiente”, de Ana Luíza Ramazzina Ghirardi, está ancorado nos conceitos de intermedialidade e transdisciplinaridade como forma de discutir possibilidades de ensino de leitura em língua estrangeira, por meio de textos literários em múltiplos modos, para além do texto impresso. Propõe-se uma sequência didática multimodal para alunos de língua francesa em contexto universitário a partir da poesia *Carmen*, de Théophile Gautier (1852), do desenho animado *Corcunda de Notre-Dame*, da Disney, em que a cigana Esmeralda retoma a figura de Carmen de Gautier, para, em seguida, trabalhar esse mesmo tema a partir da novela *Carmen*, de Mérimée (1845), que, por sua vez, foi retomada pela ópera homônima de Bizet (1875). Assim, a autora do artigo propõe uma leitura multiplicada do tema, aliando texto literário, música, imagem, tratada em sala de aula mediante uma sequência didática bastante detalhada, com foco na aprendizagem de leitura em língua estrangeira, no caso a francesa, aliando uma prática em sala de aula com “mídias antigas e novas, entre gêneros estabelecidos e de fronteira”, algo que

*[...] resulte não na exclusão ou no desprestígio de qualquer deles [...] uma renovação das abordagens tradicionais e um aperfeiçoamento das formas emergentes, ao mesmo tempo em que ajuda a construir um leitor competente para o trânsito entre essas diversas modalidades.*

Em “Perspectivas interculturais no ensino de língua estrangeira”, Ana Carolina Pimenta Assoni parte do conceito de competência comunicativa intercultural, tal como discutida por teóricos e estudiosos como Byram (1997), Hall (1959, 1966, 1976, 1988, 1997, 2006), Kramsch (1993, 2006), Richards (1990) e Bennett (1993). Esse conceito leva em conta a questão do outro como forma de constituição identitária, como construção da cultura. Em seguida, a autora discorre acerca da importância do conceito para o ensino de língua estrangeira, na medida em que tal ensino está calcado no contexto, na cultura, ou melhor, na intercultura. Um aprendiz de língua estrangeira precisa ser, segundo a autora, igualmente competente na cultura estrangeira, não apenas enquanto algo a ser aprendido sobre o outro, mas sim “a partir do encontro e da relação das culturas envolvidas”. É no encontro com o outro, na intercultura, portanto, que se dá a aprendizagem competente. Como forma de ilustrar como tal aprendizagem pode ser feita, a pesquisadora discorre acerca do rico material que o cinema, enquanto material autêntico e pleno de referências culturais, pode ser apropriado pelo docente, como modo de fomentar um ensino intercultural mediante o debate entre alunos em sala de aula. Assim, os alunos poderão ganhar autonomia para vivenciarem e compreenderem em termos interculturais experiências vividas para além dos muros da escola, quebrando paradigmas e preconceitos pré-concebidos e ganhando criticidade.

“Portuguese is in! From less commonly taught to critical to world language”, como o próprio título já deixa transparecer, é o único artigo em inglês neste

Dossiê. Nele, Silvia Sollai, Renato Alvim, Celia Bianconi e Alan Parma discorrem acerca do ensino de língua portuguesa como língua estrangeira em escolas regulares nos Estados Unidos, como disciplina eletiva do jardim da infância ao décimo segundo ano (K-12), mas principalmente em estados onde há uma comunidade lusófona. Desde 2016, o português é considerado língua mundial (“*world language*”) pelo American Council on the Teaching of Foreign Languages (ACTFL), *status* que inclui também línguas de imigrantes e de indígenas, como forma de se constituírem enquanto recursos interdisciplinares. Uma língua mundial, segundo o ACTFL, deve seguir cinco critérios básicos, a saber:

- *A form of human communication used to interact and negotiate meaning with other people, to understand and analyze texts, and to create culturally-appropriate oral, written, or signed products and presentations for a specific audience and task.*
- *A form of human communication that allows user to investigate, explain, and reflect on the relationship between the products, practices, and perspectives of a particular culture through the language. When using a world language, people employ intercultural skills, insight, and perspectives to decide how and when to express what to whom.*
- *A form of human communication that allows people to exchange information about past, present, and future shared experiences, make arguments, empathize with other people, and creatively express themselves orally, visually, or in writing on a variety of topics.*
- *A means of human communication through which people can share stories relevant to the culture and community, whether ancient or modern.*
- *A vehicle of human communication through which people may be immersed in a specific language community, whether ancient or modern.*<sup>1</sup>

Seguindo tais critérios, dizem os autores desse artigo, “*world language teaching builds professionals to function in another language through a path of proficiency-driven targets from unrehearsed, real-life situations*”. Ou seja, proporciona competência comunicativa e autonomia fora da escola. Em seguida, apresentam uma proposta de trabalho com um curso chamado STARTALK®, planejado em termos de episódios contendo níveis linguísticos, metas e objetivos alcançáveis em cada nível e um conjunto de atividades a serem desempenhadas pelos aprendizes, passo a passo. Cada episódio contém três etapas: “*Learning Targets*”, ou seja, “*What specific can-do addresses this episode?*”, “*Culture, Content & Language*”, ou seja, “*What do learners need to know to meet the can-do?*” e “*Checking for Learning*”, ou seja, “*How will you know that learners have met the learning target for this episode?*”. Portanto, partindo de pilares culturais e recursos autênticos como filmes *on-line*, os aprendizes têm acesso à cultura dos países de expressão lusófona de forma crítica e planejada. Assim, o material apresentado pelos autores possibilita aos alunos a imersão em aprendizagem ancorada socioculturalmente e de forma a empoderá-los para o uso da língua fora da escola. Trata-se de um ensino em que o português é ensinado de

1 Table 1: List with the five criteria of a world language according to the American Council on the Teaching of Foreign Languages (ACTFL). Retrieved on December 14, 2017 from <<https://www.actfl.org/news/position-statements/what-world-language>>.

forma inter e transdisciplinar e temática com recursos a que os alunos têm acesso fora da escola, como vídeos da internet, textos literários, ferramentas de comunicação em linha etc.

O nono artigo do Dossiê, último do segundo bloco, intitulado “A abordagem transdisciplinar entre história e literatura em sala de aula por meio da aprendizagem significativa”, de Daniel Vecchio Alves, baseia-se na teoria da aprendizagem significativa de Ausubel (2000) e nos estudos de transdisciplinaridade de Nicolescu (1999), Fazenda (2008) e Morin (2014). Parte de um levantamento histórico de ensino disciplinar, mostrando como diferentes pensadores ao longo do tempo, tais como Aristóteles, Platão, Santo Agostinho e Popper, foram questionando a homogeneização do ensino e os riscos disso decorrentes, para afirmar a importância da aprendizagem significativa como forma de fomentar um ensino plural, inter, trans e pluridisciplinar. Em seguida, apresenta uma proposta de ensino a partir da interseção entre história e literatura em sala de aula. Criticando uma concepção tradicional de ensino de história como sequência cronológica de fatos e datas e se apoiando na LDB, de 1996, que preconiza uma formação cidadã para o mercado de trabalho, afirma Alves:

*Sendo assim, as diretrizes, os princípios pedagógicos, os valores a serem transmitidos, as competências e capacidades, a seleção dos conteúdos, os conceitos fundamentais, as estratégias de trabalho e as propostas de intervenção do professor devem estar todas pautadas por esse princípio maior que vincula a educação à prática social e experiencial do educando, ao mundo do trabalho, à formação para a cidadania: a expressão “fornecer-lhes meios para progredir” incide sobre o desenvolvimento da capacidade de aprender e de adquirir conhecimentos e habilidades, bem como sobre a formação de valores.*

Assim, ao se distanciar de uma abordagem estanque e de verdade unívoca, o ensino de história pode, segundo Alves, privilegiar a criticidade, a pluralidade de conhecimentos e pontos de vista, algo que recorrer ao texto literário em aula poderá auxiliar sobremaneira. Ainda segundo o autor, portanto, “[i]sso nos aproxima da narrativa literária, a invocar os leitores e seus diversos ritmos no tempo histórico, principalmente quando o situamos na representação diversificada dos indivíduos e dos fenômenos sociais”. Ou ainda, citando Guimarães, diz-nos o pesquisador:

*Ademais, estabelecer relações entre história e literatura em sala de aula é estabelecer relações interativas que possibilitem ao educando elaborar representações sobre os saberes diversos e sobre os objetos da aprendizagem. Nem o professor nem o aprendiz ocupam uma posição secundária, mas ambos atuam de maneira ativa, aberta e flexível em relação aos diferentes saberes. O que se pretende, portanto, é anular a concepção de ensino de história e literatura como “mera transmissão de conteúdos fragmentados do passado e de outras realidades, e desenvolver práticas educativas que tenham como pressupostos as relações, a investigação histórica, a mediação de significados, o diálogo e a relação de múltiplos saberes por professores e alunos que constituem o espaço escolar (GUIMARÃES, 2012, p. 167).*

Conclui, então, que história e literatura, em perspectiva transdisciplinar e significativa, podem, de fato, tornar a aprendizagem mais prazerosa e eficaz, na

medida em que possibilitam ao aprendiz ter acesso a conteúdos críticos, não dicotômicos, para além de verdades estanques e fatos decorados sem qualquer sentido para ele.

O terceiro e último bloco de artigos deste Dossiê apresenta três textos em que se tecem análises mais pontuais de *corpora* variados a partir de uma abordagem transdisciplinar.

Em “O *found footage* na função de paratexto audiovisual na adaptação de *Dois irmãos*: uma análise transdisciplinar”, Daniel de Thomaz analisa a adaptação para minissérie televisiva intitulada *Dois irmãos* do romance homônimo de Milton Hatoum, levada ao ar em 2017. Concentra-se primordialmente no uso que a minissérie fez de *found footage*, ou seja, uso de recursos audiovisuais que dão a impressão de serem filmes antigos de arquivo, quando, na verdade, são recursos feitos em computador e que dão ao narrado efeitos de credibilidade, verossimilhança e documentos históricos. Partindo dos conceitos de adaptação literária de Hutcheon (2011) e dos estudos de Charaudeau (2015) sobre percepção mental por parte do leitor a partir do que o discurso do narrador busca imprimir, o autor chega à conclusão de que o discurso mítico presente no romance de Hatoum cede lugar a um discurso pretensamente histórico pelo uso de *found footage*. Segundo o pesquisador, “A prática do cinema *found footage* pode ser organizada em três momentos: o ato de apropriação do material alheio, a montagem dos fragmentos e o efeito posterior que consiste na transformação ou ressignificação da obra”. Ao ressignificar o romance na minissérie, deixando de lado o discurso de dimensão mítica originalmente proposto pelo romancista, tem-se, então, uma tentativa de neutralidade e objetivação do narrado, como se tivesse, de fato, marcas de historicidade e verossimilhança. Além disso, emprega o que Genette (1982) denomina paratexto, ou seja, elementos extratextuais que ajudam a imprimir uma interpretação do enredo, dando ao leitor a deixa para que entenda os eventos narrados dentro de um paradigma histórico e, portanto, de simulacro do real.

“*Shock advertising* – linguagem da publicidade social cubana e brasileira atual”, de Yadir González Hernández, propõe uma análise discursiva comparativa tendo por objeto a linguagem de publicidade cubana e brasileira em campanhas audiovisuais de trânsito. Para tal, traz “uma perspectiva interdisciplinar que reúne olhares da Comunicação e de Letras” para analisar a questão da publicidade social, ou seja, aquela cujos conteúdos e objetivos almejam atingir uma conscientização social acerca de um problema específico. Baseando-se em Alvarado (2003), dentre outros, Hernández mostra o cunho persuasivo e de choque emocional que a publicidade social engloba. Tecendo comparação entre campanhas oficiais de “agências governamentais ligadas à fiscalização do trânsito no Brasil – Polícia Rodoviária Federal – e em Cuba – Departamento de Trânsito da Direção Geral da Polícia Nacional Revolucionária” e recorrendo a uma análise de peças publicitárias audiovisuais dos dois países, elenca estratégias discursivas usadas e conclui que as campanhas analisadas tendem a ser mais emotivas que racionais e a recorrer ao medo como categoria persuasiva. No entanto, as cubanas são mais diretas e impositivas, enquanto as brasileiras são mais elaboradas em termos de linguagem retórica. O autor conclui, retomando seu objetivo maior para o estudo, que as campanhas cubanas precisam se adaptar às mudanças por que passam o país, de forma a serem capazes de atingir com mais eficácia seu público, ou seja, devem buscar maior horizontalidade em relação a seu

público, tornando-se menos impositivas e mais sugestivas em suas peças publicitárias audiovisuais.

Por fim, o último artigo deste Dossiê, intitulado “Guimarães Rosa, Carl Gustav Jung e *Samnyasa*”, de Teresinha V. Zimbrão da Silva, traz em seu *corpus* algo bastante inovador, a união de literatura, psicanálise e religião. Por si só, isso já demonstra seu caráter transdisciplinar. Tendo como foco o conto rosiano “A terceira margem do rio”, Silva recorre a conceitos da psicologia junguiana e “o sistema religioso hindu dos quatro *ashrams* (ordem espiritual da vida) – dentre os quais *samnyasa* (renúncia)”. Se leituras de textos literários sob o prisma psicológico ou psicanalítico não são novidade, uma leitura que agregue esse prisma a conceitos da religião hindu, pouco conhecida no Brasil, já muda completamente a questão. A autora discute como o conto pode ser lido a partir dos diferentes estágios da ordem espiritual da vida, tal como os hindus a concebem, mostrando como as personagens do texto rosiano parecem viver esses diferentes estágios, principalmente o da renúncia à vida. Afinal, informa que Rosa teria lido os *Upanixades*, textos hindus que tematizam a questão da renúncia, embora não explicita tal fato no conto. Paralelamente a isso, demonstra como os estágios de individuação da vida humana, tal como Jung os concebe, também podem ser aplicados a uma leitura atenta do conto. Por fim, em momento de triangulação transdisciplinar, aproxima os estágios hindus e junguianos da vida, mostrando suas equivalências, algo que corrobora o fato de que Jung, assim como Rosa, também leu esses mesmos textos hindus e por eles tinha bastante apreço.

Convidamos, assim, os leitores a mergulharem neste Dossiê que traz doze textos diferentes, mas que, cada um à sua maneira, buscam abarcar a importância e a relevância da transdisciplinaridade como forma de quebra de paradigmas e leituras estanques, rumo ao diálogo convergente e enriquecedor de um mesmo *corpus* ou tema.

Boa leitura a todos!

Renata Philippov  
Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

Vera Lucia Harabagi Hanna  
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)